

## Editorial

Judite Primo, Jean Baptista, Tony Boita

Este dossiê se dedica à investigação de um problema posto à estrutura da Museologia e dos museus: o tratamento de corpos e sexualidades presos à uma forma repetitiva e isonômica aos anseios conservadores cristão-europeu. Ou seja, os estudos aqui reunidos discutem a desconstrução daquilo que Judith Butler chamou de “matriz heterossexual”, uma ordem simbólica repetitiva que organiza a sociedade a partir dos corpos que importam e os que não importam (ver Butler, 2003, p. 38; Butler, 1993, p. 9-10; Prins; Meijer, 2002). Essa matriz produz as mais diversas violências epistemológicas, físicas e simbólicas no campo museológico. Dessas violências nascem corpos abjetos como os nossos, que por sua cor, gênero, classe ou sexualidade, são corpos atualmente esquecidos nos museus.

Nem sempre, contudo, “corpos abjetos” estiveram longe dos museus. No século XIX, o corpo de Saartjie Baartman, nomeada de “Vênus Negra”, ao lado dos “hermafroditas”, “invertidos”, “gigantes”, “homens-animais”, entre outros, eram expostos em vida e mesmo depois de mortos enquanto despertavam preocupações referentes à sexualidade. A tal ponto que esses corpos foram levados ao extremo da monstruosidade que terminaram sendo apagados dos museus e dos debates museológicos.

Ao longo da história dos museus e da Museologia, esses “corpos abjetos”, quando apresentados, expostos e observados, foram, até o limiar do século XIX, traduzidos pelos detentores do poder da seleção e da produção da narrativa nos

cenários museológicos. Corpos que foram sempre entendidos como “outros desviantes”, animalizados, pervertidos e traduzidos pela alteridade.

Este dossiê insiste que este passado pejado de colonialidade e etnocentrismo é fóbico, vergonhoso, está vivo e deve ser confrontado. A Sociomuseologia assim tem evidenciado ao longo de sua trajetória e desde o recente advento da “Museologia LGBT” (assim chamada em virtude do uso da sigla vigente no campo das Políticas Públicas).

Distintos estudos apontam para o fato de que outras memórias e histórias sobre sexualidades dissidentes devem, sim, ter seu lugar na construção da memória no mundo lusófono a partir do ponto de vista de si mesmos. Mas não só! As autorias insistem que é preciso reinventar o conceito de Museologia, redesenhando-o coletivamente, assumindo posturas políticas e teóricas comprometidas com a vida, com a sexualidade, com o gênero, com a raça, com a classe, com a decolonialidade e contra o Epistemicídio. Ressignificar implica adotar a Sociomuseologia, sexualizando e democratizando os museus e a Museologia. Desse modo, busca-se radicalizar sua inclusão a esses “corpos abjetos” dissidentes da matriz heterossexual, onde a exposição e produção de narrativa é assumida pelos próprios, sem a “tradução” do outro. Pois sim, de fato, não parece mais ser possível falar de uma Nova Museologia e suas segmentações coniventes com qualquer forma de opressão.

Para discorrer sobre estes temas, o artigo de Geanine Vargas Escobar apresenta uma proposta inovadora capaz de convidar a Sociomuseologia produzida sobre negritude a pensar que ao lado do gênero correm as veias da sexualidade, tal qual a das lésbicas negras.

O artigo de Jean Baptista, por sua vez, põe em diálogo a Museologia LGBT e Museologia Indígena, propondo, assim, a desconstrução da representação dos *indígenas heterocentrados* nos museus e na Museologia.

Em seguida, o artigo de Thainá Castro, Renata Padilha e Mayara Ladeia versa sobre a busca de novas metodologias para a gestão de acervos quando a esses se impõem as problemáticas da sexualidade a partir de projeto desenvolvido junto ao Museu da Diversidade.

Nesse sentido, Tony Boita demonstra a aplicabilidade do paradigma da diversidade sexual à gestão de museus, em particular nos esforços em se alterar as missões institucionais até então LGBTfóbicas, como ocorreu com o Museu das Bandeiras.

O pressuposto de que para se alcançar uma transformação estrutural nos museus e na Museologia se deve promover uma transformação no ensino de Museologia está presente no artigo de Jezulino Lucio Braga, onde o cenário museal fóbico à diversidade sexual de Belo Horizonte se apresenta como terreno fértil para se pensar tal transformação.

Ana Paula da Silva, a seu turno, investe na inclusão de vozes trans em acervos de museus, em especial a partir de importantes diálogos com personalidades como Élle de Bernardini e Lyz Parayzo.

No artigo de Leonardo Vieira podemos encontrar uma análise de fôlego em mais de 600 processos de aquisição de objetos no Museu Paulista onde se revelam questões de gênero, raciais e sexuais que bem podem estimular uma nova abordagem expográfica naquela e em outras instituições.

Por fim, Alex Padilha apresenta um ensaio sobre a construção de uma Museologia PositHIVa, ou seja, uma abordagem onde a memória sobre o HIV— e os lugares dessas

memórias nos museus — podem ocupar um importante papel na reconfiguração deste trauma coletivo.

O dossiê conta, ainda, com uma resenha crítica de Cristina Bruno sobre o livro “Museologia LGBT”, de autoria de Tony Boita.

Tenham uma ótima leitura,  
Judite Primo<sup>1</sup>, Jean Baptista<sup>2</sup>, Tony Boita<sup>3</sup>

### Referências

Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. Routledge New York & London.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.

Prins, B. & Meijer, I. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10, 155-167.

---

<sup>1</sup> Judite Primo: Investigadora Principal FCT, Centro de estudos interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED). Titular da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” E-mail: [judite.primo@ulosofona.pt](mailto:judite.primo@ulosofona.pt)

<sup>2</sup> Jean Baptista: Doutor em História Ibero-Americana e Pós-Doutor pelo *Institute for Gender, Sexuality and Feminist Studies* (IGSF), McGill University, Montreal, Canadá. Docente da Universidade Federal de Goiás, onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Bacharelado em Museologia. Integrante da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil e da Revista Memória LGBT. E-mail: [jeantb@hotmail.com](mailto:jeantb@hotmail.com)

<sup>3</sup> Tony Boita: Museólogo, Mestre em Antropologia e Doutorando em Comunicação pela UFG. É editor da Revista Memória LGBT+ e membro da Rede LGBT de Museologia Social do Brasil. É autor do livro *Museologia LGBT: Cartografia das Memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores*. Atualmente é diretor do Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa (Ibram/Mtur). E-mail: [tonyboita@hotmail.com](mailto:tonyboita@hotmail.com)